

ÚLTIMA ESPERANÇA

(Marcelo Quintanilha)



Nas palafitas sobrevivo sobre as
águas mortas
Não tenho escolha, só me resta resistir
No barracão sem forro do morro, eu
não morro
Pelos vielas tortas, sigo a insistir em
existir
Na periferia onde o poder não tem
Estado
Sou a teimosia de quem nunca vai
desistir

Vou de ônibus lotado
Vou me espremer no trem
Vão do meu lado outros milhões de Zé
Ninguéns

Sem educação, sem emprego e
segurança
Sem saúde, sem teto, sem chão
Mas não me entrego, não
Sou a última esperança
De tomar uma atitude e um dia ter uma
nação
E ser cidadão, e ser cidadão
De um dia ter uma nação
E ser cidadão

A despeito dos canalhas do planalto
Eu sempre sonho alto, ainda estou
nessa batalha
Não quero migalha, esmola ou
caridade
Quero ter dignidade da pátria que me
pariu

Salve os filhos do Brasil, salve os
filhos do Brasil

Sou flor que brota no chão do sertão
rachado
Na valentia, ali não dava pra nascer
Desenganado, ignorante ignorado
Passei no teste, vivo pra ainda ver
chover
Mas meu agreste é outra seca, outra
carência
Ter consciência e desbancar meus
coronéis
Troco um açude pra que esse cenário
mude
Sem personagens do tempo dos dez
mil réis

Vou em cada pau-de-arara
Vou no carro de boi
Gente firme que não pára e a vida
inteira já se foi

Sem educação, sem emprego e
segurança
Sem saúde, sem teto, sem chão
Mas não me entrego, não
Sou a última esperança
De tomar uma atitude e um dia ter uma
nação
E ser cidadão, e ser cidadão
De um dia ter uma nação
E ser cidadão

À revelia dessa escória parasita
Minha fé é mais bonita, ainda mudo a
nossa história
Apesar de tanto mal, tanta sujeira
No meu peito e na memória guardo as
cores da bandeira

Salve a nossa gente brasileira, salve a
nossa gente brasileira